

MAIS AMOR POR FAVOR: UM EXERCÍCIO DE DESENHO INCLUSIVO **PEDRO ELIAS PARENTE DA SILVEIRA¹; NÁDIA DA CRUZ SENNA²**

¹Universidade Federal de Pelotas – pespsilveirarts@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– alecrins@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A disciplina Desenho de Figura Humana integra a etapa básica do projeto pedagógico de vários cursos do Centro de Artes da UFPel, entre eles Artes Visuais, licenciatura e bacharelado, Design Gráfico, Digital e Cinema de Animação. Com vistas a garantir a multidisciplinaridade e o compartilhamento de experiências, optamos por estratégias abertas, coletivas e expositivas, envolvendo o ensino, a pesquisa e a extensão. Nesta perspectiva desenvolvemos, nos últimos anos, projetos em torno do retrato e do autorretrato, para atualizar discursos sobre identidades, subjetividades, performances e representações da figura humana na arte e na cultura contemporânea. Mestiçagens, mitologias, imaginários, reinvenções e subversões são temas propostos para investigação poética e reflexiva dos alunos.

Atentos ao brado da hora – Mais Amor Por Favor, Respeita as Mina, Respeita as Mana – que reverberaram nas pautas dos movimentos de ocupação na UFPel, ocorridos em junho/2016, propomos este tema para o trabalho final da disciplina. A intenção foi trazer para a discussão pedagógica e artística questões inclusivas que estão presentes no âmbito acadêmico e social.

A pauta nacional que motivou as ocupações nas instituições de ensino, nesse primeiro semestre, reivindica uma educação pública, gratuita, universal e de qualidade em todos os níveis, se opondo ao sucateamento e aos pesados cortes impostos aos programas e políticas sociais pelo governo interino. O movimento reclama pela transparência nos processos, ética, igualdade racial e de gênero, garantia dos direitos humanos explicitando a natureza contingente, complexa e conflituosa que emerge nas práticas educacionais e sociais vigentes. As pautas locais ganham especificidades próprias, porém conservam o acento comum pela manutenção (e ampliação) do número de bolsas de estudo, auxílio aos cotistas, reativação das casas de passagem, maior acessibilidade, segurança e integração pedagógica.

Demandas legítimas que contam com o reconhecimento de toda a comunidade, muito embora sejam levantadas e lideradas pelos grupos de alunos carentes e aqueles historicamente discriminados, que chegam a universidade graças as políticas afirmativas adotadas no ensino superior. A despeito do avanço operado pelas estratégias inclusivas visando suplantar assimetrias e garantir o direito de todos à educação, fica explícito a necessidade de conjugar ações que garantam a presença, a efetivação da formação e que cultivem a diversidade. A questão da diferença necessita adentrar nos currículos e constituir preocupação pedagógica, principalmente junto a uma sociedade caracterizada pela diferença.

Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a volta do outro, do diferente, é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência. O outro é outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente (SILVA, 2014, p.97).

Uma estratégia pedagógica adotada por arte-educadores consiste em problematizar os mecanismos e as instituições envolvidas nos processos de criação de identidades e diferenças culturais. Apoiados nos estudos da cultura visual e de gênero investigamos o sistema de representações e as formas alternativas presentes nos discursos imagéticos no circuito ampliado da arte e da cultura. Promovemos reuniões entre grupos, ouvimos depoimentos, visualizamos campanhas publicitárias e trabalhos artísticos voltados para a valorização pessoal e social procurando compreender a complexidade envolvida nos processos relacionais. Resgatamos a arte na sua vertente mais política, explorando seu potencial para acolher a diversidade, com vistas a suplantando preconceitos e discriminações. O processo abrangeu uma pesquisa imagética e conceitual que explorou acervos pessoais e encontros propositivos, para construir retratos e autorretratos num exercício de tradução poético-visual.

Representações e autorrepresentações implicam um olhar para si e para o outro de modo compreensivo. A experiência contempla um ver-se melhor, um ver-se no outro, para identificar papéis e identidades e, ainda, vislumbrar a própria natureza humana.

Dentre os referenciais artísticos apresentados para fundamentar o trabalho destacamos: Oliviero Toscani, Vick Muniz, Diane Arbus, Nan Goldin, Jenny Saville e Nazareth Pacheco. Também elencamos referenciais de estudiosos da sociologia, teoria e crítica da arte e da cultura visual como: Ana Mae Barbosa, Katia Canton, Paulo Freire, Tomaz Tadeu da Silva e Fernando Hernandez.

2. METODOLOGIA

Em função da natureza híbrida das ações, o projeto compreende diferentes etapas que necessitam de materiais e técnicas diferenciadas. De acordo com as metas propostas: comparecem a pesquisa imagética e documental, pesquisa de materiais e técnicas, processos criativos e produção artística, exibição e montagem, produção gráfica, mediação, registro visual e documental, avaliação e desdobramentos pedagógicos.

Para a etapa inicial concorrem dois métodos de pesquisa imagética diferenciados: o resgate das memórias fotográficas em álbuns de família ou a construção de uma nova imagem evidenciando encontros afetivos. Uma inovação foi a reunião do retrato e autorretrato no exercício, para dar conta do tema proposto. Serviram de referencia as imagens de família, evidenciando as relações entre pais e filhos, casais, irmãos e irmãs, avós e netos. Também compareceram imagens que trazem amigos(as), namorados(as), colegas e professores. Com base na imagem de referência inicia-se a etapa que compreende a edição de imagens, confecção da matriz digital e projeção em formato ampliado no suporte em papel. De posse do traçado inicial passa-se a discussão dos materiais e técnicas atendendo afinidades artísticas e pessoais.

A sequência de figuras (Fig. 1, Fig. 2 e Fig. 3) ilustra algumas etapas do processo.



FIGURA 1- Oliveiro Toscani
<http://www.famousphotographers.net/oliviero-toscani>

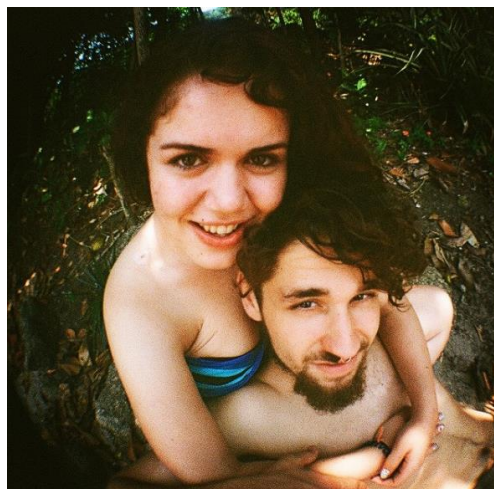
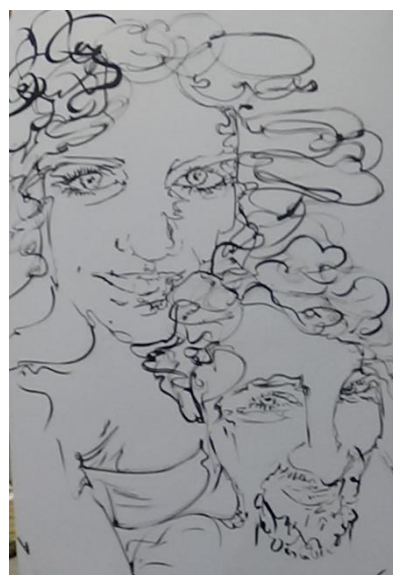


FIGURA 2 – Foto da aluna
Fonte: Villela, 2016



FIGURAS 3 e 4 – Projeção da imagem editada e resultado final com uso de pincel e nanquim.
Fonte: O autor



Posterior a fase executada em regime de ateliê, seguem-se os procedimentos que dão continuidade ao plano de trabalho, como a montagem da mostra didática, quando o projeto ganha uma dimensão extenccionista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As práticas pedagógicas e as temáticas funcionam como “gatilhos”, dispositivos para convidar o grupo a pensar e discutir representações do corpo considerando atravessamentos e discursos que a contemporaneidade resgata ou instaura. **Mais amor por favor** decorre de uma situação que provocou o embate entre “nós” e “eles”, evidenciando posições e relações de poder entre os sujeitos. A experiência buscou atravessar as fronteiras da diversidade, estabelecendo relações entre campos diferenciados do saber, propondo uma

prática onde o grupo é levado a se reconhecer, percebendo que é constituído por sujeitos individualizados e sujeitos sociais.

Tomar como referência as imagens produzidas no âmbito da cultura visual a partir de uma perspectiva educativa implica considerar essas representações como sistemas de significação e atribuição de sentido, marcados pelas relações de poder que forjam discursos que nos constituem como sujeitos, indivíduos, iguais e diferentes. Ao propor o exercício do retrato e autorretrato para dar a ver afetos, relações familiares e/ou transgressoras, possibilitamos uma produção gráfica e imagética que ganha outras dimensões e códigos, ultrapassando modelos estereotipados e hegemônicos.

4. CONCLUSÕES

A linha pedagógica segue vertentes contemporâneas para o ensino, pesquisa e produção em artes aberta ao torvelinho das mudanças, buscando conectar arte e vida para promover debates, experimentações, pensamento crítico e fruição em perspectiva ampliada, inclusiva e empoderadora.

Seguindo pela trilha aberta por Paulo Freire “uma educação empoderadora” demanda uma capacidade de escuta do outro, um reconhecer-se no outro, um acolhimento e uma abertura para o diferente, pois limitar-se a reproduzir modelos não faz avançar o conhecimento, e muito menos a arte.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae, (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2012.

BELL, Julian. *500 Self Portraits*. EUA: Phaidon Press, 2004.

CANTON, Kátia. *O Espelho de Artista* (auto-retrato). São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

FREIRE P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra; 1997.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu, (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 14.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.